

AFORISMOS E IRONIA EM A MÃO E A LUVA, DE MACHADO DE ASSIS¹

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: Desde *Ressurreição* (1872), seu romance de iniciação, Machado de Assis explicava, no prólogo, que o seu interesse era contrastar dois caracteres: o de Lívia e o de Félix, apresentando ao leitor a dubiedade e a instabilidade da personalidade do jovem médico, ocioso para o trabalho e inconstante nos amores. Dois anos depois, essa proposta é retomada com *A mão e a luva* (1874), no qual o narrador contrasta os caracteres de Estêvão e de Luís Alves, dois advogados que disputam a mão de Guiomar. Por meio de recorrentes ironias e aforismos, o leitor acompanha não apenas a tibieza e o sentimentalismo de Estêvão e a firmeza nas ações e a racionalidade de Luís Alves, mas também o olhar perscrutador e as estratégias de sedução e de escolha da normalista, a fim de galgar um degrau a mais na escala social e ocupar o lugar de herdeira da rica madrinha e esposa do mais influente e determinado advogado que a corteja. Este trabalho pretende, pois, realizar um levantamento de aforismos presentes em *A mão e a luva* e analisá-los associados às ironias utilizadas pelo narrador machadiano ao contrastar os caracteres de Estêvão, Luís Alves e Guiomar.

Palavras-chave: *A mão e a luva*; ironia; aforismos; narrador

Abstract: Since *Ressurreição* (1872), his novel of initiation, Machado de Assis explained in the prologue, that his interest was to contrast two characters: Livia and Felix, presenting to the reader the dubiousness and the instability of the young doctor's personality, lazy to work and inconstant in love. Two years later, this proposal is retaken up with *A mão e a luva* (1874), in which the narrator contrasts the characters of Estêvão and Luis Alves, two lawyers vying for love of Guiomar. Through recurring ironies and aphorisms, the reader follows not only the warmth and sentimentality of Estêvão and firmness in action and rationality of Luis Alves, but the searching look and seduction strategies of the primary teacher in order to, metaphorically, climb a step in the social ladder and take the place of heiress of her rich godmother and being the wife of the most influent and determined lawyer who courts her. This work aims therefore to carry out a survey of aphorisms present in *A mão e a luva* and analyze them associated with some ironies used by Machado's narrator to contrast the characters of Estêvão, Luis Alves and Guiomar.

Keywords: *A mão e a luva*; irony; aphorisms; narrator.

Machado de Assis foi um escritor que encontrou na própria na sociedade brasileira do final do século XIX personagens e assuntos para

¹ Este texto é resultado de pesquisas desenvolvidas com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG através do Projeto DEG – 00009/13.

construir as suas obras de ficção. Médicos e advogados ociosos, herdeiros de terras e de escravos povoam a sua produção literária; jovens e belas mulheres pobres, que buscavam ascensão social por meio do casamento; agregados e sacerdotes parasitas, os quais encontravam favores entre os membros da alta burguesia carioca por meio da bajulação. Esses caracteres sociais garantem à obra machadiana uma proximidade com a realidade oitocentista, como um retratista fiel daquele tempo.

Mas ao lado da apurada e séria observação histórica, Machado de Assis juntou as suas memórias de leitura, da Bíblia Sagrada aos clássicos da literatura universal, com destaque para a francesa e a inglesa. E é comum lermos qualquer livro desse autor encontrando referências diretas ou citações transformadas de outras literaturas. Difícil mesmo é distinguir o que é original e o que é absorção, quando nos deparamos com algumas máximas espalhadas ao longo de sua obra. Os conceitos e pensamentos de cunho filosófico servem ao enredo e à construção das personagens machadianas, quase sempre expressando a opinião delas, e não exatamente do autor que as compôs. Júlio César da Silva, em *Machado de Assis – conceitos e pensamentos*², afirma que

a maior parte dos conceitos e pensamentos não foram diretamente expressos pelo autor de modo a vestir as suas ideias pessoais com relação a homens e coisas, mas indiretamente, pela boca das personagens que criou e próprios a traduzir estados de alma contraditórios³.

A argumentação de Júlio César da Silva é que Machado não reunira em livro específico seus pensamentos e ideias, como o fizera La Rochefoucauld, garantindo um unidade às suas reflexões filosóficas, antes, dispersara as máximas e aforismos nos diversos livros, conveniente ao perfil das personagens que os proferem ou que os narradores utilizam para os caracterizar o que, muitas vezes, parece contraditório.

Raymundo Magalhães Júnior, em *Ideias e imagens de Machado de Assis* também se dedicou à recolha de máximas e aforismos na obra

² O livro de Júlio César da Silva reúne conceitos e pensamentos extraídos de contos, poemas, crônicas e da crítica literária machadiana, mas o organizador não os comenta nem estabelece qualquer relação com outras literaturas.

³ SILVA, 1934, p. 8.

machadiana⁴, organizando-os em forma de dicionário de ideias. Na introdução a esse livro, Magalhães Júnior afirma que

Machado de Assis é o mais sentencioso dos nossos escritores. Sua produção em prosa e verso está cheia de aforismos, máximas, provérbios inventados ou recriados, conceitos e reflexões singulares, através dos quais vai derramando sua filosofia entre risonha e pessimista⁵.

As citações, no entanto, não devem ser vistas como vícios retóricos, mas como processo criativo consciente, intenção artística deliberada, segundo esse crítico. Conhecedor da coletânea anteriormente publicada por Júlio César da Silva, Magalhães Júnior retoma e explica a aparente contradição nessas sentenças presentes na obra machadiana, por causa do humor e da ironia, em busca do efeito literário, ou jocoso, muitas vezes tratando a moral pelo avesso. Ainda que o livro de Magalhães Júnior se mostre mais organizado, pela técnica do abecedário, o autor não tece comentários sobre as citações extraídas de “toda” a obra machadiana.

Seguindo a informação de Da Silva e de Magalhães Júnior, no sentido de que as máximas e aforismos servem à construção do enredo e das personagens machadianas, e reconhecendo também a consciente e criativa tarefa do autor, propomo-nos, a partir de agora, a realizar um breve levantamento de conceitos e idéias no romance *A mão e a luva*, a fim de cotejar os perfis de Guiomar, Estêvão e Luís Alves.

A mão e a luva, segundo romance de Machado de Assis, foi inicialmente publicado no Jornal O Globo, do Rio de Janeiro, em 20 folhetins, de 26 de setembro a 3 de novembro de 1874. Nesse mesmo ano, foi organizado e editado em livro completo. Ubiratan Machado, em seu livro *Machado de Assis: roteiro da consagração*, afirma que a repercussão desse livro foi modesta na época da sua publicação. As poucas notas que surgiram nos jornais apontaram o aspecto singelo do livro e a urdidura da trama sem

⁴ Semelhante ao dicionário de Magalhães Júnior, a médica Angela Canuto também fez um levantamento de frases conceituais ou filosóficas de Machado de Assis, mas não as comenta.

⁵ MAGALHÃES JÚNIOR, 1956, p. VII.

interesses comoventes. Mas ressaltaram o estilo elegante e a linguagem sem afetações do romancista⁶.

A crítica posterior não mudou substancialmente as opiniões a respeito dessa narrativa, considerada, junto com *Ressurreição*, *Helena* e *Iaiá Garcia* o quarteto de escritos românticos machadianos. Revisões dessa crítica têm surgido e trazido importantes compreensões para o projeto estético de Machado de Assis.

A advertência do autor, em 1874, esclarecia que a pintura dos caracteres também ficou prejudicada em consequência das publicações semanais, sem tempo para maior ajuste da personalidade de suas criações ficcionais. Ainda assim, Machado ressaltava que Guiomar teria recebido sua especial atenção. Segundo o autor, a novela “sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor.”⁷ Vê-se a ironia esboçada na advertência, uma vez que Machado de Assis não era um escritor iniciante. Com 35 anos de idade, autor de livros de poesia, peças de teatro, crítica teatral e de contos já conhecidos e admirados dos leitores da época, possuía perfeito domínio da narração e do estilo, tantas vezes acentuados já pela crítica de seu tempo.

O narrador do romance, em muitas passagens, retoma esse diálogo previsto na Advertência (e é preciso ressaltar que, nesse “prefácio” é Machado de Assis quem fala”), (com)fundindo as duas vozes, assenhorando-se das técnicas de composição e do estilo ático que lhe foi atribuído. Vejamos alguns trechos em que autor e narrador dialogam com o leitor, esperando dele uma participação atenta:

- I- Não será preciso dizer a um **leitor arguto** e de boa vontade... Oh! sobretudo de boa vontade, porque é mister havê-la, e muita, para vir até aqui, e seguir até o fim, uma história, como esta, em que **o autor mais se ocupa de desenhar um ou dois caracteres, e de expor alguns sentimentos humanos**, que de outra qualquer coisa, porque outra coisa não se animaria a fazer [...].⁸

⁶ In: MACHADO, 2003, p.14.

⁷ ASSIS, 1997.

⁸ ASSIS, 1997, p.44 (grifos nossos).

- II- **Um leitor perspicaz, como eu suponho que há de ser o leitor deste livro**, dispensa que eu lhe conte os muitos planos que ele teceu, diversos e contraditórios, como é de razão em análogas situações⁹.

Tanto Machado de Assis quanto o narrador desse romance esperam argúcia e perspicácia de seus leitores para compreenderem a psicologia das suas personagens, especialmente a de Guiomar. Traços do esboço dessa personalidade vão sendo espalhados ao longo da narração para que o leitor os arrume e lhes dê sentido. *A mão e a luva* dá sequência, portanto, ao projeto machadiano de construir personagens mais complexas do que as que habitavam as páginas de autores consagrados à época, como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e, especialmente, José de Alencar. A metaficcionalidade servirá ao escritor para educar os seus leitores nos caminhos da nova estética: afastando-se do Romantismo em direção ao Realismo de cunho psicológico.

No romance de estreia, *Ressurreição*, Machado de Assis esclarecia na advertência que o livro tratava de esboçar e contrastar dois caracteres: o de Lúvia e o de Félix. A jovem viúva, descrita como uma alma sentimental e romântica, influenciada pelas leituras que dominavam as reuniões familiares na década de 70; o médico, construído pelo narrador como ocioso e volúvel em suas relações amorosas. Mas, ao mesmo tempo, apresenta uma caixa de ressonâncias desse narrador para refletir sobre a inadequação e sobre os perigos de ainda existirem pessoas votadas ao romantismo, como o são Lúvia e Menezes, amigo de Félix. Lúcia Miguel Pereira, em seu livro *Machado de Assis – estudos críticos e biográficos*, afirma que, “em *A mão e a luva*, livro de observação e de análise, o estilo destoa positivamente da ideia. Tentou fazer dissecação com flores de retórica.¹⁰” Segundo essa autora, Machado ainda estava muito distante da sobriedade e da precisão do estilo demonstrado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sem levar em consideração que o uso recorrente de metáforas está a serviço do contraste das personalidades de suas criaturas ficcionais.

⁹ ASSIS, 1997, p.60 (grifos nossos).

¹⁰ PEREIRA, 1988, p.163.

Estêvão tem uma alma tibia e ânimo frouxo, sentimental, lacrimoso, semelhante ao Menezes, de *Ressurreição*, e até mesmo um pouco dos caracteres que identificam a jovem viúva. Luís Alves, por outro lado, possui uma racionalidade, um equilíbrio e uma moderação amorosa semelhante a Félix, no sentido de que refreiam os excessos do coração e agem com cálculo e determinação. E Guiomar é o exemplo máximo da frieza e da premeditação, renunciando, portanto, os perfis posteriores de mulheres fortes e detentoras de vontade própria que marcam a produção literária machadiana.

Já no início da narrativa, o narrador nos apresenta Luís Alves em conversa com o seu amigo Estêvão a respeito do fim de um namoro; vemo-lo confessar as suas agruras, a sua fraqueza de ânimo, o seu desejo de morrer, a que o primeiro responde, ironicamente: "... E se em cada caso de namoro gorado morresse um homem, tinha já diminuído muito o gênero humano, e Malthus perderia o latim. [...]”¹¹

Essa é a primeira das máximas que se espalham muito sutilmente por toda a narrativa, e para as quais gostaríamos de chamar a atenção neste trabalho. Thomas Malthus, economista, estatístico, demógrafo e estudioso das Ciências Sociais, observou que a população dobrou com o aumento da produção de alimentos e com os benefícios da Revolução Industrial. Em 1798, o estudioso publicou uma série de ideias alertando sobre a necessidade do controle de natalidade, baseando-se no princípio de que haveria fome iminente, já que a população aumentava em progressão geométrica ao passo que a produção de alimentos aumentava em progressão aritmética. Ironicamente, a personagem machadiana afirma que, se os males de amor fossem concluídos com suicídios, matariam mais que a fome, desmentindo a teoria malthusiana.

A crítica inicial ao Romantismo, que poderia parecer velada à primeira vista, vai se encorpando com outros aforismos proferidos ora pelas próprias personagens ora pelo narrador. Nessa noite de desespero em que encontramos Estêvão e Luís Alves a discutirem os infortúnios do amor, o narrador nos informa que passaram a noite conversando, entre acessos de choro do primeiro e pastilhas de consolação do segundo, e arremata a cena

¹¹ ASSIS, 1997, p.1.

com a máxima de que “nossas paixões não aceleram nem moderam o passo do tempo”¹².

Com um tom filosofante, somos convidados a refletir que as horas não se detêm para que os amantes decepcionados reponham energias despendidas ou organizem suas ideias. É preciso acompanhar o ritmo do tempo e seguir em frente porque a vida não para. Poderíamos pensar, como quer o narrador, que as paixões são frutos do tempo e, como tal, são condicionadas ao efêmero, e que há eventos mais importantes para os homens do que sofrerem por amores mal resolvidos. Em muitas passagens do romance, o narrador contrasta os dois caracteres masculinos, como podemos comprovar abaixo:

Cursavam estes dois moços a academia de S. Paulo, estando Luís Alves no quarto ano e Estêvão no terceiro. Conheceram-se na academia, e ficaram amigos íntimos, tanto quanto podiam sê-lo dois espíritos diferentes, ou talvez por isso mesmo que o eram. Estêvão, dotado de extrema sensibilidade, e não menor fraqueza de ânimo, afetuoso e bom, não daquela bondade varonil, que é apanágio de uma alma forte, mas dessa outra bondade mole e de cera, que vai à mercê de todas as circunstâncias, tinha, além de tudo isso, o infortúnio de trazer ainda sobre o nariz os óculos cor-de-rosa de suas virginais ilusões. Luís Alves via bem com os olhos da cara. Não era mau rapaz, mas tinha o seu grão de egoísmo, e se não era incapaz de afeições, sabia regê-las, moderá-las, e sobretudo guiá-las ao seu próprio interesse¹³.

O espírito racional e firme de um e o espírito emotivo e a tibieza do outro põem em relevo a distinção de dois homens que se colocarão diante de Guiomar, a heroína desse romance. Se não bastassem os adjetivos sensíveis para Estêvão e os adjetivos varonis para Luís Alves, seus nomes prenunciam ou, pelo menos, aludem a essas duas antagônicas masculinidades. O primeiro, lembra-nos um dos primeiros mártires do cristianismo, apedrejado até a morte; de onde se prevê o fracasso da personagem machadiana. O segundo nome redundante na semântica da luminosidade e da brancura, comumente tomadas como signos de positividade. Em sentido cristão, lembra-nos o primeiro anjo a rebelar-se contra o Criador Jeová – Lúcifer, anjo de luz, opositor de Deus.

¹² ASSIS, 1997, p. 6.

¹³ ASSIS, 1997, p.3.

Retomando a cena em que vemos o contraste desses dois homens, o narrador descreve-nos Luís Alves ouvindo impaciente as agruras do amigo e tentando convencê-lo de que não se morre por tão pouco, aconselhando-o a esquecer o triste desenlace mergulhando nos compêndios de Direito e de Filosofia. O enamorado, ao contrário, imprimia nos jornais acadêmicos versos repassados do mais puro byronismo. Nesse tempo, ambos eram acadêmicos do curso de Direito em São Paulo, mas já notamos a maior dedicação de Luís Alves aos estudos forenses, o seu domínio sobre as emoções e a sua racionalidade, ao passo que Estêvão era emotivo, menos varonil, sensível, lia narrativas românticas e se dedicava à contemplação imaginativa da natureza.

O narrador não poupa a Estêvão a ridicularização da sua frouxidão de ânimo, do seu caráter tíbio e da sua personalidade inventiva, capaz de multiplicar os zeros, arrematando-a com o seguinte aforismo “[...] com um grão de areia construiria um mundo.¹⁴”, em claro diálogo com a filosofia arquimediana, para quem bastava um ponto do universo para fazer mover o mundo. Se Arquimedes toma a geometria como forma perfeita de medida e de conhecimento, Estêvão toma a fantasia como seu juízo; é o arquiteto de castelos imaginários, de areia. Guiomar pede a Estêvão que esqueça o amor que tem por ela, mas o rapaz não absorve essa negativa de felicidade, e deixa-se levar pela vida até o completo anonimato e esquecimento. Ao final da narrativa, ninguém se lembra mais dele nem o narrador sabe nos informar se Estêvão ainda vive ou se vegeta em algum canto do Rio de Janeiro.

Sobre Guiomar, o narrador procura explicar-nos a sua origem humilde, em capítulo intitulado “Meninice”, no qual expõe o seu infortúnio. Perdera o pai aos sete anos, um subalterno funcionário público. A consciência da sua condição de pobreza trouxe-lhe tristeza, a ponto de deixar-lhe adoecida. Vivia com a mãe, recebendo apoio da madrinha, a baronesa que lhe educa e lhe toma por filha, posteriormente. Guiomar tinha apenas 10 anos, quando observava do quintal de sua casa a chácara vizinha, talvez cobiçando os frutos maduros que ali havia, e, pela fenda larga do muro,

viu repentinamente aparecer-lhe diante, a cinco ou seis passos do lugar em que estava, um rancho de moças, todas bonitas,

¹⁴ ASSIS, 1997, p. 38.

que arrastavam por entre as árvores os seus vestidos, e faziam luzir aos últimos raios do sol poente as joias que as enfeitavam¹⁵.

Nesse capítulo breve onde se resume a história da jovem ambiciosa, o narrador nos diz que Guiomar era uma criaturinha galante e delicada, assaz inteligente e viva. Como não perceber as diferenças sociais ao seu redor? Por que o buraco no muro era recente e largo? Certamente fora aberto pela menina, que ia cobiçando cada vez mais o espaço que não lhe pertencia. Havia nela uma beleza e uma ambição em germinação. É a sua primeira janela aberta para o mundo; pelo buraco no muro via a luminosidade burguesa do outro lado, as joias que reluziam aos raios do sol, ao passo que ela, em sua pobreza, se encontrava nas sombras, escondida e separada pelo alto muro, em sua dimensão tanto física quanto simbólica¹⁶.

Aos 13 anos, Guiomar perde também a sua mãe, e é amparada pela madrinha, a baronesa, que lhe envia para um colégio onde estuda e leciona. Estava em formação uma normalista, profissão aceita para as mulheres pobres daquele tempo. Enquanto não vê outro meio de sobrevivência, a moça aceita esse lugar de transição. Mas sabemos que a moça não se considerava digna de exercer essa profissão. Quando morre a filha da baronesa, Guiomar é levada para a casa da madrinha e não hesita em tomar o lugar da defunta. Era o seu meio de ascensão social, ainda que na condição de uma agregada. Condição que ela empreenderá esforços sentimentais e racionais para alterar, ao receber a corte de três homens (Estêvão, Jorge e Luís Alves) e especificar com qual deles contrairá matrimônio mais vantajoso para lhe projetar mais luminosamente na sociedade fluminense. Antes da escolha, porém,

Tendo presenciado, durante algum tempo, e não breve, o modo de viver entre a madrinha e Henriqueta, Guiomar pôs todo o seu esforço em reproduzir pelo mesmo teor os hábitos de outro

¹⁵ ASSIS, 1997, p. 26.

¹⁶ Lúcia Miguel Pereira aponta as personagens Guiomar, Helena, Estela (*Iaiá Garcia*) e Lalau (Casa Velha) como “encarnações” do autor Machado de Assis, no sentido de que, por meio delas, discutem-se os direitos da ambição, a luta contra a hierarquia social: “Todas têm os mesmos problemas a resolver – os problemas que Machado de Assis enfrentou quando precisou escolher entre Carolina – o futuro – e Maria Inês – o passado”. (PEREIRA, 1988, p. 156)

tempo, de maneira que a baronesa mal pudesse sentir a ausência da filha¹⁷.

Atento a essa personalidade curiosa e criativa, o narrador lhe destina o seguinte aforismo: “[...] a borboleta fazia esquecer a crisálida¹⁸” A formosura de Guiomar foi acrescida com a arte da simulação. Semelhante à crisálida, a jovem permaneceu um tempo envolta em um casulo que a impedia de participar da vida social vislumbrada pelo buraco do muro vizinho; nesse tempo, procurou a melhor forma de amoldar-se à realidade diferente que se lhe apresentava com a morte de Henriqueta. Bela, inteligente e ambiciosa, já quase herdeira da baronesa, falta-lhe apenas um casamento que lhe garantisse reconhecimento e brilho social. Ainda de acordo com Lúcia Miguel Pereira, aproximando a ambição de Guiomar à ambição de Machado de Assis, “frases desse teor pontuam todo o livro, mostrando como a infância humilhada havia imprimido dolorosamente em Machado a noção da hierarquia social. Como o autor, Guiomar renegava o passado”¹⁹.

É a partir daí que a jovem começa a estabelecer comparações entre os três rapazes que lhe cortejam, para distinguir o que melhor premiará a sua personalidade. Já conhecemos de início o perfil romântico, imaginativo e frágil de Estêvão, de forma que Guiomar não se casaria com ele. Jorge, o sobrinho da baronesa, é-lhe indicado por Mrs. Oswald, a governanta da casa, como uma possibilidade de matrimônio que agradaria à madrinha. No entanto, a moça o rejeita, após declaração de amor deixada a ela dentro de um livro. Revisitamos um pouco sobre essa recusa. No capítulo intitulado “O rival”, o narrador nos apresenta Jorge com as seguintes características:

Era um rapaz de vinte e cinco a vinte e seis anos. Jorge chamava-se ele; não era feio mas a arte estragava um pouco a obra da natureza. [...] Jorge tinha um lindo bigode castanho, untado e retesado com excessivo esmero. Os olhos, claros e vivos, seriam mais belos, se ele não os movesse com afetação, às vezes feminina. O mesmo direi dos modos, que seriam fáceis e naturais, se os não tornasse tão alinhados e medidos²⁰.

¹⁷ ASSIS, 1997, 28.

¹⁸ ASSIS, 1997, p. 38.

¹⁹ PEREIRA, 1988, p. 157.

²⁰ ASSIS, 1997, p. 36.

Guiomar não ganharia nada com esse casamento, posto que Jorge também era herdeiro legítimo da baronesa. Nada lhe acrescentaria. Além disso, o narrador critica a ociosidade do rapaz, que vivia do nome deixado pelos pais. E destaca os aspectos negativos da sua personalidade, da sua aparência física e dos modos amaneirados, afeminados. É o narrador quem justifica, por Guiomar, a sua recusa a esse pretendente, ao culminar a sua descrição com o aforismo de que “O muito mimo empece a planta [...]”²¹. O narrador esboça o perfil do opositor de Luís Alves por meio de descrições caricaturais. Isso ocorre com Jorge que, apesar de jovem, belo e educado, era ocioso, afetado e muito preocupado com as aparências, uma luva imperfeita ou deformada para aquela mão de Guiomar, ainda descalça. Além disso, a metáfora do cuidado excessivo atrapalhando o desenvolver da planta sugere o afeminamento de Jorge, a causa de sua preterição.

Referindo-se à felicidade de Guiomar, o narrador afirma que “Toda a alma feliz é panteísta [...]”²², expressando, por meio dessa metáfora, um acordo tácito entre natureza exterior e intimidade satisfeita. Enquanto a jovem se sentia apenas uma afilhada da baronesa, via-se na obrigação a agradá-la, acompanhando-a nos passeios matinais contrariados pelas alamedas da chácara onde passou a viver. Quando se viu ocupando o espaço físico e afetivo que pertenciam à filha da baronesa, os passeios pela propriedade tornaram-se alegres e espontâneos, esquecendo-se das desgraças alheias. E arremata o narrador: “A felicidade é isto mesmo; raro lhe sobra memória para as dores alheias.”²³

Ao contrastar o perfil dos dois principais pretendentes de Guiomar, o narrador destaca Luís Alves com a seguinte sentença: “Tudo é aliado do homem que sabe querer [...]”²⁴ Luís Alves demonstra sua ambição e força de vontade, despertando a confiança e o interesse de Guiomar, mas antes, conquista a admiração da baronesa, como um advogado promissor e de bom caráter. Se Jorge busca aliança com a governanta inglesa, Luís Alves vê muito

²¹ ASSIS, 1997, p. 36.

²² ASSIS, 1997, p. 104.

²³ ASSIS, 1997, p. 104.

²⁴ ASSIS, 1997, p. 77.

mais além, pois quem de fato determinaria o destino de Guiomar seria sua madrinha, e é se dirigindo inicialmente a ela que o ambicioso advogado chegará vitorioso ao coração da heroína desse romance.

Ao finalizar o romance, o narrador acrescenta: “A vida é uma dádiva para os fortes”. Quem sofre deve verter lágrimas e enxugá-las logo, para seguir adiante. Articula-se com um dos primeiros aforismos, de que o tempo não modera nem acelera o ritmo em favor dos desgraçados. O narrador nos informará com frieza ao final do romance:

Os anos passaram depois, e à medida que vinham, iam-se. Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima. O nome, que não passara da lembrança dos amigos, aí mesmo morreu, quando a fortuna o distanciou deles. Se ele ainda vegeta em algum recanto da capital, ou se acabou em alguma vila do interior, ignora-se²⁵.

O mártir, segundo narrativa bíblica, foi esquecido por todos na história machadiana. Não há ressentimentos nem pena desse homem frouxo de ânimo. Luís Alves, segundo o narrador, era aquele “o homem forte”, que ofereceu a Guiomar o lustre do seu nome, o brilho da carreira política e os sucessos no trabalho. “[...] e as duas ambições trocaram o ósculo fraternal. Ajustavam-se ambas, como se aquela luva tivesse sido feita para aquela mão.”²⁶ As metáforas bem elaboradas e adequadas a cada perfil de personagem em *A mão e a luva* são, portanto, muito mais do que meras flores de retórica e, se adornam a ideia principal do romance, não deixam de acentuar o seu travo de inconformismo e de ironia ao descrever o contexto e as relações sociais e afetivas do Rio de Janeiro oitocentista.

Referências

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Globo, 1997.

CANUTO, Angela. *Machado de Assis – memórias de um frasista*. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

²⁵ ASSIS, 1997, p. 106.

²⁶ ASSIS, 1997, p. 107.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes

v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Ideias e imagens de Machado de Assis*.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis – estudo crítico e biográfico*. Belo

Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: Edusp, 1988.

SILVA, Júlio César da. *Machado de Assis – Conceitos e pensamentos*. São

Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1934.

Osmar Pereira Oliva possui graduação em Letras Português/Francês (1993), especialização (*Lato Sensu*) em Língua Portuguesa e Linguística (1995) e especialização (*Lato Sensu*) em Filosofia, pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); mestrado em Literatura Brasileira (1999) e doutorado em Literatura Comparada (2002), ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); pós-doutorado em Literatura Brasileira, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2007. Atualmente, é professor na Universidade Estadual de Montes Claros. Tem experiência no ensino e na pesquisa na área de Letras, com ênfase nas Literaturas de Língua Portuguesa, atuando principalmente na investigação dos seguintes autores e temas: Eça de Queirós, Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Autran Dourado e Milton Hatoum, orientalismo, fantástico, corpo, gênero, literatura de Minas Gerais, literatura do século XIX. É autor e organizador de diversos livros de crítica literária que abarca esses temas, dentre os quais *Tradições e traduções*, Editora da Unimontes, 2014 e *Literatura, vazio e danação*, Editora Unimontes, 2013. e-mail: osmar.oliva@pq.cnpq.br.